

---

## POR UM ENSINO CRÍTICO DE HISTÓRIA: “REVOLUÇÃO” BRASILEIRA E A EDUCAÇÃO POPULAR

Ruan Ramon Torquato Dantas<sup>1</sup>

Aristeu Antônio Oliveira de Carvalho<sup>2</sup>

Luiz Gomes da Silva Filho<sup>3</sup>

### Resumo

O Ensino de História não deve ser tratado como um amontoado de fatos e ocorrências políticas, econômicas, ou sociais, mas deve ser compreendida como uma ferramenta para analisar o contexto passado e suas implicações no presente, para melhor se movimentar em direção ao futuro. Assim, o interesse pela temática emerge a partir de reflexões sobre a leitura de duas referências principais: A “revolução” Brasileira e a Educação popular. O objetivo principal consiste em refletir sobre o ensino de história na formação dos alunos enquanto ferramenta para conscientização e inserção crítica na realidade atual. Metodologicamente, trabalhamos na perspectiva dos princípios da Educação Popular. O presente artigo insere-se nos interesses formativos do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC), da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). Os principais resultados obtidos apontam para a formação docente e da necessidade de inserir princípios da Educação Popular no Ensino de História.

**Palavras-chaves:** Ensino de História. Educação Popular. Ensino Crítico.

### Abstract

History teaching should not be treated as a heap of political, economic, or social facts and occurrences, but must be understood as a tool to analyze the past context and its implications in the present, to better move into the future. Thus, the interest for the theme emerges from reflections on the reading of two main references: The Brazilian "revolution" and popular education. The main objective is to reflect on the teaching of history in the formation of students as a tool for awareness and critical insertion in the current reality. Methodologically, we work from the perspective of Popular Education principles. This article is part of the training interests of the Licentiate Course in Field Education (LEDOC) of the Federal Rural Semiarid University (UFERSA). The main results obtained point to teacher education and the need to insert principles of Popular Education in Teaching History.

**Key words:** Teaching History, Popular Education, Brazilian Revolution.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC), na Universidade Federal do Semi-Árido (UFERSA). Email: [ramon.torquato.19@gmail.com](mailto:ramon.torquato.19@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor da Escola Municipal Professor Manoel Assis. Email: [aaodc@uol.com.br](mailto:aaodc@uol.com.br)

<sup>3</sup> Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Email: [Luiz.gomes@ufersa.edu.br](mailto:Luiz.gomes@ufersa.edu.br)

## 1. Introdução

O ensino de história tem uma grande importância na formação do sujeito, ajudando-o, sobretudo, a compreender os fatos, as ocorrências políticas, econômicas, culturais e sociais e a partir destes fenômenos posicionar-se criticamente frente ao mundo. Assim, o ensino de história ser compreendida como o meio para se analisar as conjunturas e os contextos passados e suas implicações no presente, e ajudar a melhor pensar o futuro.

O estudo da temática busca fazer reflexões sobre “A revolução Brasileira” e a Educação popular, analisar cada termo, o que se entende acerca de “revolução” diz respeito ao golpe civil militar de 1964, a atuação das camadas populares e sobre a Educação Popular. Há uma grande importância em se avaliar a história criticamente, analisar cada sujeito que participou de cada contexto e buscar dar voz a todos.

Deste modo busca-se a compreensão da realidade em sua concepção holística alinhando-se a opção teórica à necessidade de transformação que a contemporaneidade enseja. Analisar a realidade concreta, formada no passado, e ver seus reflexos na atualidade, esse é um dos principais papéis do ensino da história, tendo assim um olhar crítico acerca da atualidade.

Desse modo, é do objetivo desta pesquisa refletir sobre o ensino de história na formação dos alunos enquanto ferramenta para conscientização e inserção crítica na realidade atual. Relacionar as metodologias críticas de história com as políticas da educação popular, com vistas à formação do sujeito e de sua integração política.

## 2. Referencial Teórico

O Ensino de história não deve estar limitado como um amontoado de fatos, apenas ocorrências políticas, econômicas, ou sociais, mas este deve ser compreendido como uma ferramenta para se analisar o contexto passado e suas implicações no presente, para melhor se seguir em direção ao futuro. A própria história passou por inúmeros processos e contextos. Segundo Silva e Fonseca (2010, p.13):

O ensino de História na educação básica brasileira foi objeto de intenso debate, lutas políticas e teóricas no contexto de resistências à política educacional da ditadura civil-militar brasileira (1964-1984). Isso significou refletir sobre o estado do conhecimento histórico e do debate pedagógico, bem como combater a disciplina “Estudos Sociais” e a desvalorização da História, os currículos fragmentados, a formação de professores em Licenciaturas Curtas e os conteúdos dos livros didáticos difundidos naquele

R. R. T. DANTAS, A. A. O. DE CARVALHO, L. G. DA SILVA FILHO

momento, processo articulado às lutas contra as políticas de precarização da profissão docente.

Este contexto específico contribuiu para se repensar acerca do ensino de história, as metodologias utilizadas pelos docentes. No período ditatorial, houve a criação de cursos curtos de licenciaturas que corroboravam com a precarização da atuação do docente nas redes públicas de ensino, este ensino esteve assentado sob a base de metodologias monótonas e tradicionais, cuja eficiência deixou muito a desejar, pois tratou a história de forma separada da realidade, seccionou datas, heróis, lugares e acontecimentos, como se estes não estivessem diretamente associados.

A história relata vários contextos, organizações sociais e conhecimentos que o homem desenvolveu no decorrer do tempo. Mas muitas vezes os fatos são contados e apenas visualizados apenas por um lado, o mais forte. Costa (2011, p.4) diz que o professor deve:

Empenhar-se em ensinar aos alunos uma História que dos ídolos, das grandes batalhas, dos vencedores, e ir ao encontro da História que critica e se contrapõe a ideologia do mais forte, do maior, do vencedor. Mais não adianta somente se soltar das correntes, devemos promover um intercâmbio melhor entre as novas pesquisas que são feitas no âmbito superior e o ensino no nível Fundamental e Médio para que libertemos os alunos e não os contaminemos.

Tal atitude docente é de fundamental importância para se construir a criticidades dos alunos, mostrar a história dos vários ângulos, das várias áreas do conhecimento. Para compreender acerca da formação social brasileira é necessário partir deste princípio, conhecer todos os sujeitos e dar voz na história a cada um. Para Ribeiro (2009, p.3):

O historiador dialoga com o mundo em que vive, com problemas e desafios, lutas e utopias, e esse diálogo influencia a forma como ele reconstrói e interpreta o passado. Por isso, nenhuma obra de história é objetiva no sentido de ser neutra, isenta, livre de paixões e pressões de seu tempo.

Desse modo é necessário conhecer toda conjuntura do contexto histórico a serem estudados, os desafios, os confrontos, as intenções e etc. Ele ainda contribui dizendo que “a compreensão e o conhecimento histórico resultam do modo como às pessoas (no contexto aqui abordado, os professores e os seus alunos) captam, interpretam e apresentam o processo histórico. Portanto, o conteúdo desse saber sempre comportará uma pluralidade de enfoques, além de reavaliações, uma vez que o conhecimento histórico não é uma doutrina”(idem).

A história ensinada é consequência de um “recorte” temporal, histórico. As histórias derivam de várias leituras, inúmeras interpretações de sujeitos sociais históricos (SILVA;

FONSECA, 2010). O Ensino de História traz consigo um papel de grande relevância, e cabe a tal Ensino:

[...] um papel educativo, formativo, cultural e político, e sua relação com a construção da cidadania perpassa diferentes espaços de produção de saberes históricos. Desse modo, no atual debate da área, fica evidente a preocupação em localizar, no campo da História, questões problematizadoras que remetam ao tempo em que vivemos e a outros tempos, num diálogo crítico entre a multiplicidade de sujeitos, tempos, lugares e culturas. Portanto, a(s) configuração(ões) da(s) história(s) vivida(s) e ensinada(s) pelos professores, entre as quatro paredes da sala de aula e, também, fora dos limites dos territórios escolares, bem como das histórias que os alunos aprendem nesses e noutros espaços, é bem mais complexa do que muitos supõem. (idem, p.24)

Ver-se que deve ser trabalhado no aluno a criticidade acerca do seu contexto, mas levando em consideração toda a complexidade do desenvolvimento da sociedade brasileira. É de grande importância também na atuação política dos sujeitos levando os mesmos a exercerem sua cidadania. Nesta perspectiva a educação popular também busca criar nos sujeitos, no povo, está criticidade acerca da sua realidade.

Antes de mais nada, é importante sublinhar que é Paulo Freire que realiza um deslocamento fundamental no conceito de Educação Popular, vista, antes dele, como educação para as massas. Freire reconfigura o sentido de popular imprimindo a ele um caráter político, libertador e democrático.

“Como primeira aproximação, vamos entender legitimamente por educação popular aquela que é produzida pelas classes populares, em função de seus interesses de classes” (WANDERLEY, 1982, p.63). Assim como o Ensino de História teve modificações em suas metodologias de ensino e na formação docente no período ditatorial, a educação como um todo também veio a passar por esse processo de modificações, assim contemplando a ideia daqueles, os mais fortes.

Vendo toda está conjuntura onde estava inseria o ensino de História e a educação popular, é notório perceber que ambas as concepções passaram por processos de silenciamento muito semelhante. A educação popular também tem em suas políticas busca trabalhar a formação política dos sujeitos. “A educação [...] pode ser um instrumento válido e eficiente na construção do processo de democratização, a partir da criação e robustecimento de um poder popular” (ibidem, p.71).

É neste pensamento que busca-se alinhar o Ensino de História e a Educação Popular. Desse modo, ajuda a conhecer melhor sobre o contexto da ditadura militar de 1964, a “revolução”. Agora surge o momento de pensar a revolução de quem para quem, a principio é

necessário compreender o real sentido da palavra Revolução nesta seara. Para Prado Junior (1987, p.11):

Revolução em seu sentido real e profundo, significa o processo histórico assinalado por reformas e modificações econômicas, sociais e políticas sucessivas, que, concentradas em períodos históricos relativamente curto, vão dar transformações estruturais da sociedade, e em especial das relações econômicas e do equilíbrio recíproco das diferentes classes e categorias sociais. O ritmo da história não é uniforme. Nele se alternam períodos ou fases de relativa estabilidade e aparente imobilidade, com momentos de ativação da vida político-social e bruscas mudanças em que se alteram profunda e aceleradamente as relações sociais.

Nisto ver-se que o real sentido de revolução é aquela que traz o real desenvolvimento a todos, e em todos os aspectos. Ao observar o Golpe de Militar e toda a conjuntura política da época, é notório que o desenvolvimento não chegou a todos, isto explica as aspas usadas anteriormente na palavra Revolução. Segundo Prado Junior (idem, p.22):

Não é por acaso nem por simples exibicionismo que o golpe de 1º de Abril de 1964 se enfeitou do nome de “Revolução”. É que seus promotores sabiam, como sabem da ressonância popular dessa expressão e da penetração que tem em largas camadas da população brasileira. E a par dessa consciência revolucionária, as contradições imanentes na vida brasileira já atingem uma tal agudeza que não há mais como disfarçá-las, e muito menos com as medidas que vem adotando o governo saído do golpe de abril. Medidas essas que, apesar dos consideráveis sacrifícios que vêm impondo a importantes setores da população, não conseguem abrandar nenhum dos grandes males que afligem o país e que lhe freiam o progresso material e cultural. E antes pelo contrário, vêm agravando muitos deles.

A conjuntura política que se formou em 1964 representou um golpe e não uma revolução. A mesma atendeu apenas os interesses de uma classe específica, que no caso não era as camadas populares, mas ados burgueses, dos retentores do capital. Este período agravou inúmeros problemas na época e que até hoje encontramos consequências desta política.

Assim é possível perceber que a História e a Educação Popular sofreram uma forte pressão negativa no período ditatorial, e com isso passaram por varias modificações. No contexto atual as camadas populares conseguiram inúmeras conquista apos este período, mas ainda está na luta por condições mais justas. Deste modo surge a necessidade de se formar no aluno da rede básica de ensino a criticidade do seu contexto, mas conhecendo o passado para assim podendo se contextualizar-se nas lutar, e exercer sua cidadania de forma plena.

### **3. Metodologia**

Metodologicamente, trabalhou-se na perspectiva dos princípios da Educação Popular e Pedagogia de Paulo Freire, na busca de um Ensino de História crítico, que possibilitem os sujeitos a fazerem uma análise geral do seu contexto. Também houve uma análise crítica na formação docente e em metodologias que proporcionem tal reflexão.

A Educação Popular, por sua vez, busca a compreensão da realidade, e a necessidade de transformação que a conjuntura atual necessita. Assim, também foi feita uma revisão bibliográfica sobre a “Revolução Brasileira” de Caio Prado Junior e da obra “A questão política da educação popular” de Carlos Rodrigues Brandão, buscando compreender o estado da arte da questão.

### **4. Resultados e Discussão**

O presente artigo insere-se nos interesses formativos do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC) da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) que alinham-se à busca por uma formação permanente e concretizada para aos alunos envolvidos. Os principais resultados obtidos neste artigo apontam para a importância da formação docente e da necessidade constante em se inserir os princípios da Educação Popular no ensino de história, buscando metodologias que viabilizem uma maior contextualização dos processos de ensino aprendizagem e do alinhamento à visão uma visão de mundo mais solidária e coletiva.

### **5. Conclusão**

Contudo, é possível observar que o Ensino de História e a educação popular passaram por inúmeros processos de lutas e confrontos, principalmente no período do golpe militar de 1964. A história por sua vez ela sofreu várias consequências com as políticas daquele contexto, um delas foi à modificação na formação docente em curto tempo, que acabou por tornar precária a qualificação do professor. Neste período alguns conteúdos que promoviam a criticidade dos alunos foram removidos, e a história passou apenas a contar a história contemplando apenas uma classe.

A Educação Popular vêm com objetivos que contrapõe esta concepção, buscando construir uma educação que seja voltada para as camadas populares, que atenda a demanda destes sujeitos, e que seja trabalhada nos alunos a reflexão sobre o seu contexto, e que a partir da conscientização, possam exercer sua cidadania e lutar por interesses coletivos desta classe que no decorrer da história vem sendo marginalizada (a margem da sociedade)

Assim, é possível se trabalhar nos alunos, nas aulas de história, a criticidade e a formação política desses sujeitos. A mesma se torna possível através de metodologias viáveis que atenda a demanda de turma específica, para poder tender os vários contextos das redes de ensino. Trabalhando nesta perspectiva é possível preparar as crianças, os jovens e os adultos da sociedade, introduzindo eles nas lutas e nas reivindicações atuais em busca de condições mais justas em todos os aspectos, seja econômico, social ou educacional.

### Referências

BRADÃO, Carlos Rodrigues. **A questão política da Educação Popular**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

COSTA, Alex Silva. A importância do ensino de história nas escolas e suas implicações na vida social. **Revista anagrama: revista científica interdisciplinar da graduação**. São Paulo, ano 5 – ed. 2, p. 1-7, dez – 2011, fev - 2012.

PRADO JUNIOR, Caio. **A revolução brasileira**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.  
Ribeiro, Jonatas Roque. História e ensino de história: perspectivas e abordagens. **Educação em foco**. Campinas, nº: 07, p. 1-7, set, 2013.

SILVA, Marcos Antonio da; FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, nº 60 p.13-33, 2010.